

# MULHERES E LEITURA: ENTRE REGRAS SOCIAIS E ESCOLHAS PESSOAIS

**Women and reading: Between social rules and personal choices**

**Mujeres y lectura: Entre las reglas sociales y las opciones personales**

Alexandra Santos Pinheiro\*

---

**RESUMO:** Sem o acesso à educação formal, mulheres-leitoras no século XX, adotaram os papéis direcionados a elas: tornaram-se mães e esposas, todavia, a identificação com a leitura e, conseqüentemente, com a possibilidade de “viver outra vida”, como afirmou uma delas, leva-as a procurar diferentes meios para manter o contato com os livros, principalmente os ficcionais. Esconder os livros dentro da *Bíblia*, passar as tardes na Biblioteca Pública com a desculpa de estar em reuniões da escola das filhas eram algumas das artimanhas encontradas por essas mulheres que precisaram conciliar as exigências de seu meio social com o interesse pessoal pela leitura. O presente trabalho, portanto, pretende analisar a constituição indivíduo versus papéis sociais entre leitoras das décadas de 60 e 70 do século XX.

---

**Palavras-chave:** leitoras, mulheres, literatura, sociedade.

**ABSTRACT:** Without having access to formal education, female readers from the 20th century adopted some social roles that were meant to them, for instance: motherhood and being a wife. However, identification with reading and therefore with the possibility of living "another life", as quoted by one of them, leads them to search for different forms of keeping up with the books, especially fiction. Hiding the books inside the Bible or spending an afternoon at the Public Library with feeble excuses of having children's issues at school, like meetings, were some of their strategies to reconcile the demands of their social environment with their personal interest in reading. This study aims to analyze the female individual constitution versus women's social roles among readers of the 60s and 70s in the 20th century.

---

**Keywords:** readers; women; literature; society.

**RESUMEN:** Sin acceso a la educación formal, los lectores de la mujer en el siglo XX, adoptaron los documentos dirigidos a ellos: se han convertido en madres y esposas, sin embargo, la identificación con la lectura y por tanto con la capacidad de "vivir otra vida" como dice uno de ellos, los lleva a buscar diversos medios para mantenerse al día con los libros, sobre todo ficción. Se esconden en los libros de la Biblia, pasar una tarde en la Biblioteca Pública con la excusa de estar en reuniones de la escuela de las hijas fueron algunos de los trucos que encuentran las mujeres

---

\* Professora adjunta da Universidade Federal da Grande Dourados. Doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp. Rua José Domingos Baldasso, 375 Parque Alvorada – Dourados/MS. Contato: [alexpin24@yahoo.com.br](mailto:alexpin24@yahoo.com.br) / [alexandrapinheiro@ufgd.edu.br](mailto:alexandrapinheiro@ufgd.edu.br).

que necessitam para conciliar las exigencias de su entorno social con un interés personal en la lectura. Este estudio pretende, pues, para analizar la constitución del individuo frente a los roles sociales entre los lectores de los años 60 y 70 del siglo XX.

---

**Palabras clave:** lectores; las mujeres; la literatura; sociedad.

### **PONTO DE PARTIDA**

O trabalho que se apresenta aqui analisa, à luz da constituição da sociedade/indivíduo, o discurso memorialístico de uma senhora leitora, em entrevista cedida para a pesquisa: “Histórias de Leitura em Dourados (1925-1980): livros, leitores(as), escritores(as), escolas e bibliotecas”<sup>1</sup>. A lembrança dessa senhora possibilita perceber o quanto a leitura perpassa por uma história de poder e exclusão.

Sem o acesso à educação formal, essas senhoras adotaram os papéis direcionados a elas: tornaram-se mães e esposas. Todavia, a identificação com a leitura e, conseqüentemente, com a possibilidade de “viver outra vida”, como afirmou uma delas, leva-as a procurar diferentes meios para manter o contato com os livros, principalmente os ficcionais. Esconder os livros dentro da *Bíblia*, passar as tardes na Biblioteca Pública com a desculpa de estar em reuniões da escola dos filhos eram algumas das artimanhas encontradas por essas mulheres que precisaram conciliar as exigências de seu meio social com o interesse pessoal pela leitura.

A voz analisada nesse artigo permite discutir a constituição indivíduo versus papéis sociais entre mulheres leitoras das décadas de 60 e 70 do século XX. Em *A sociedade dos indivíduos*, Nobeit Elias afirma ser da natureza humana viver em sociedade. Dessa relação surge o “controle comportamental humano”, oriundo dos desejos individuais em consonância às exigências reguladas pelo seu meio social. A sociedade seria formada por um conjunto de indivíduos com particularidades próprias, que no confronto com o todo experimentam as problemáticas da “balança” entre o eu e o nós, resultando no que Elias chamou de “boa sociedade”, ou seja:

A reflexão contínua, a capacidade de previsão, o cálculo, o autocontrole, a regulação precisa e organizada das próprias emoções, o conhecimento do terreno, humano e não-humano, onde agia o indivíduo, tornaram-se precondições cada vez mais indispensáveis para o sucesso social (ELIAS, 1993b, p. 226).

Como o título do trabalho indica, “Mulheres e leitura: confronto entre preceitos sociais e escolhas pessoais”, a análise perpassa dois conceitos: o das relações de gênero e o da leitura, nesse caso, o da História

---

<sup>1</sup> Pesquisa desenvolvida desde 2008, conforme projeto protocolado na Pro - reitoria de Pesquisa da UFGD.

da Leitura. Para participar do processo de leitura e de escrita, mulheres, ao longo da história, necessitaram romper com os padrões impostos, de acordo com os quais, não havia motivos para dar às mulheres o acesso às letras.

Quando um grupo de mulheres conquista esse direito, há o controle. Tudo que elas liam ou escreviam passavam pela censura de autoridades masculinas: pais, irmãos, maridos, tutores, etc. Como crianças que necessitam ser orientadas pelos pais, as mulheres eram vistas como seres frágeis, incapazes de compreender alguns temas e com comportamento facilmente desvirtuado. Elias e Dunning lembram que a necessidade de se controlar as crianças era fruto da concepção de que elas eram:

[...] sujeitos mais distantes da “normalidade”, porque mais próximas da natureza, mais “puras” e menos capazes de compreender por si mesmas as direções necessárias ao comportamento e os benefícios de ser e agir conforme a regra. Só as crianças saltam e dançam com excitação, apenas estas não são censuradas de imediato como descontroladas ou anormais, se choram e soluçam publicamente, em lágrimas desencadeadas pelos seus sofrimentos súbitos, se entram em pânico num medo selvagem, ou se cerram os punhos com firmeza e batem ou mordem o odiado inimigo, num total abandono quando se excitam. [...] Para serem considerados normais, espera-se que os adultos vivendo nas nossas sociedades controlem, a tempo, a sua excitação (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 103).

A regra parecia simples, era preciso saber o que as mulheres liam para controlar seus conhecimentos e seus sentimentos a fim de mantê-las dentro da “normalidade”. Um dos romances mais impressionantes que já li, *A cor púrpura* (1982), de Alice Walker, adaptado e dirigido por Steven Spielberg para o cinema em 1985, parece apontar para os sentimentos que a leitura pode provocar nas leitoras.

Quem teve a oportunidade de ler a obra ou de assistir ao filme lembrar-se-á da vida da protagonista Celie. Violentada pelo padrasto, que ela julgava ser seu pai, a jovem teve, antes de completar quinze anos, dois filhos, levados logo após o parto pelo padrasto.

O nascimento do segundo filho levou dela, também, a possibilidade de voltar a ser mãe. Tempo depois, é entregue pelo suposto pai ao viúvo Albert, que procurava por uma esposa para cuidar de suas crianças, da casa e para servi-lo na cama.

O viúvo pediu a mão de Nettie, irmã caçula de Celie, mas o padrasto avisou que ele só poderia levar a filha mais velha. Mostrou que Celie, apesar de deflorada, poderia ser “usada” como ele desejasse, pois já não teria mais filhos.

Celie passa por um longo período de humilhação, violência doméstica e privação de sua liberdade, até que a irmã Nettie, fugindo das investidas do padrasto, vai morar com ela. Longe de casa, é o viúvo Albert quem vai provocar angustias nas duas irmãs. Os comentários lançados a Nettie são explícitos e as irmãs percebem que não ficarão muito tempo juntas. No livro, elas prometem que vão sempre trocar cartas: “eu falei, Escreve. Ela falou, Que foi? Eu falei, Escreve. Ela falou, só a morte pode fazer eu num escrever procê” (WALKER, s/d, p. 29).

A adaptação feita por Steven Spielberg, em 1985, dá ênfase nesse processo de leitura-libertação que envolve a protagonista. Antes de partir, Nettie ensina Cellie a ler. Inicia-se por palavras, segue-se para montagem de frases e, finalmente, para a leitura de livros.

Quando a irmã parte, Celie volta a vivenciar as humilhações provocadas por Albert e por seus filhos. Todos os dias espera pela entrega da correspondência, mas seu “Mister” a proíbe de se aproximar da caixa de correio. A esperança de receber uma carta da irmã lhe dá forças para prosseguir, mas após vários anos sem notícias, prefere acreditar que a irmã estivesse morta.

A visita da amante de Albert, Shug Avery, dá novo sentido a sua vida. O relacionamento homossexual, pouco enfatizado no filme, experimentado com a amante de “seu senhor”, revigora suas energias e faz com que ela se sinta, finalmente, amada. Mas a importância de Shug na vida de Celie também se refere ao fato de ser ela quem encontra as cartas enviadas por Nettie e escondidas por Albert.

Ao ler as cartas, descobre que a irmã está na África, na companhia de seus filhos e do casal que adotou os dois. As cartas trazem para Celie informações sobre a cultura africana, a luta econômica e política da comunidade onde cresceram seus filhos.

Numa das correspondências, Nettie descreve como a filha de Celie a questionou sobre o fato de as meninas da comunidade serem proibidas de estudar. Por fim, o material impresso, as cartas, trouxe para Celie o conhecimento de outra possibilidade para sua vida que não a de ser a escrava de “Mister”.

O conhecimento, por sua vez, lhe deu forças para enfrentar o homem que por anos lhe aprisionou. A irmã ensinou Celie a ler para que pudessem trocar cartas e assim permanecer sempre unidas. Albert sabia que o conhecimento de que a irmã estava viva deixaria Celie feliz e a privou desse contentamento.

O romance epistolar de Alice Walker exemplifica como uma leitora se transforma interna e externamente a partir da leitura ficcional e não ficcional. Ao mesmo tempo, aponta para a resistência diante da única opção

que a vida parecia lhe oferecer: servir seus senhores, primeiro o padraço, depois o viúvo Albert. Celie estava fadada à infelicidade: pobre, deflorada, negra e mulher. Mas resistiu ao que estava determinado e superou os desafios, graças ao afeto encontrado em Shug e à leitura das cartas da irmã. O interessante é que Albert nunca abre as cartas, apenas as esconde. Assim, ao encará-lo, Celie é aquela que sabe sobre as viagens da irmã, da vida de seus filhos, dos acontecimentos vividos na África. Albert reconhece apenas a angústia e a falta de esperança causada em Celie. Mas a protagonista supera esta condição.

Fora do contexto ficcional, experiências diversas possibilitam compreender a difícil trajetória das mulheres para o direito ao conhecimento. Na Inglaterra do século XX, por exemplo, Virgínia Woolf testemunha os limites do acesso aos materiais impressos. Apesar de pertencer a uma família financeiramente estruturada e de ter tido acesso aos estudos, ela é proibida de entrar em uma biblioteca, onde as mulheres só poderiam entrar acompanhadas de um homem:

Nesse ponto, eu já estava na porta de entrada da própria biblioteca. Devo tê-la aberto, pois instantaneamente surgiu dali, como um anjo da guarda a barrar o caminho com um agitar de túnica negra, e não de asas brancas, um cavalheiro súplice, grisalho e gentil, que lamentou em voz baixa, e fez-me sinais para que saísse, porque as damas só eram admitidas na biblioteca acompanhadas por um *Fellow*<sup>2</sup> da faculdade ou providas de uma carta de apresentação (WOOLF, s/d, p. 10).

O material impresso também diferencia as leitoras douradenses que têm, desde 2008, me dado a possibilidade de ouvi-las e de perceber como os livros, os jornais, as revistas femininas participam do jeito com que cada uma encara a vida familiar e social e a relação com a cidade de Dourados.

A leitura possibilitou outras experiências para a personagem Celie e para a ensaísta e escritora Woolf, ao mesmo tempo em que lhes deu energia para romper com a humilhação vivenciada ao longo de suas vidas. Entre as leitoras que tenho entrevistado, o não acesso à leitura e à escrita, o espaço doméstico e o casamento são repensados a partir do reconhecimento de si e do conhecimento de outras possibilidades de conduzir a vida. É a aprendizagem de mundos e de fatos por meio da leitura que marcam o discurso das leitoras douradenses.

A maioria não rompeu com a função de “dona de casa” (e toda marca histórica que o termo acarreta) e não concluiu o ginásio, mas superou o autoritarismo paterno e, posteriormente, o conjugal. Nesses dois anos de pesquisa, encontro vozes femininas que resistiram às imposições e

---

<sup>2</sup> As damas necessitavam de um acompanhante masculino para utilizar a biblioteca.

desfrutaram da prática cultural da leitura, encontrando nela a força para tocarem a vida.

Armand Mattlart e Érik Neveu (2004) lembram que as pesquisas sobre os estudos culturais abrem seus horizontes a partir das contribuições da Escola de Birmingham. Historiadores, antropólogos e sociólogos desviam seu olhar das “elites culturais” e procuram compreender as manifestações culturais mais populares. Pesquisam que se “aventuram no metrô, nos parques de diversão, nos aeroportos, nos “não-lugares”” (2004, p. 14). Os estudos culturais, portanto, passam a:

Englobar objetos até então tratados por diversas ciências sociais e humanas: consumo, moda, identidades sexuais, museus, turismo, literatura. Os defensores mais radicais dessas pesquisas reivindicam doravante o estatuto de uma “antidisciplina”. O termo marca a recusa de divisões disciplinares, de especializações, a vontade de combinar as contribuições e os questionamentos advindos de saberes cruzados, a convicção de que a maioria dos desafios do mundo contemporâneo ganham ao ser questionados pelo prisma cultural (MATTLART & NEVEU, 2004, p. 15-16).

Além de explicitar as novas abordagens do estudo das Práticas Culturais, os autores destacam o caráter interdisciplinar desse tipo de pesquisa. No caso desse texto, por exemplo, não há como analisar o discurso da entrevistada sem situá-lo na questão de gênero e de classe social. Como ela é imigrante, também é preciso considerar os aspectos identitários de sua fala, ou seja, como se colocou na nova cidade, como viu e como observou a espacialidade na qual se insere. Observar, também, de que maneira a leitura contribuiu para a ressignificação entre as vivências experimentadas no local de origem e no novo lugar.

A História da Leitura mostra que o acesso aos materiais impressos transcorreu de forma lenta e “seletiva”. Ou seja, após a invenção da imprensa, ainda era preciso vencer o processo educacional, que oportunizara a poucos a aprendizagem da leitura e da escrita. Some-se a isso a desigualdade de gênero, apenas às mulheres abastadas era permitido o acesso ao mundo das letras:

A cultura escrita é inseparável dos gestos violentos que a reprimem. Antes mesmo que fosse reconhecido o direito do autor sobre sua obra, a primeira afirmação de sua identidade esteve ligada à censura e à interdição dos textos tidos como subversivos pelas autoridades religiosas ou políticas.

(...)

Não basta ao autor escapar da censura e das condenações para ser definido positivamente. É necessário que se beneficie de um estatuto jurídico particular que reconheça sua propriedade. Isto se fará a partir do século XVIII para se desfazer talvez no fim de nosso século (CHARTIER, 1999, p. 23 e 45).

A Prática da Leitura, na fala da senhora que trago para análise representa a possibilidade de se emocionar, de conhecer outras vidas e até de se sentir menos só. Todavia, essa prática foi conquistada a partir da superação do rigor do pai e depois do marido. A senhora tem 92 anos de idade e a trajetória de sua vida permite perceber o quanto o século XX foi marcado pelo olhar da autoridade masculina, destinando às suas filhas e às suas esposas o lugar da submissão.

Por outro lado, assim como muitas mulheres romperam com o espaço destinado a elas e brilharam no mundo da moda, da arte cênica, da música, da Literatura, etc; muitas, apesar de permanecerem no ambiente doméstico, ressignificaram suas vidas a partir dos conhecimentos proporcionados pela leitura, em especial, pela leitura do texto Literário. Assim, pela perspectiva interdisciplinar, apresento a trajetória de uma senhora que dedicou a vida ao marido, aos filhos, aos papéis destinados a elas e às suas leituras.

## **DISCURSOS FEMININOS E PRÁTICAS DE LEITURA**

Em sua proposta original, a pesquisa “Histórias de Leitura em Dourados (1925-1980): livros, leitores(as), escritores(as), escolas e bibliotecas”, da qual esse artigo é resultado, não delimitou o gênero de leitores, buscava-se simplesmente apreender, a partir das lembranças dos/as moradores/as, nascidos/as no município ou vindos de fora, a presença dos materiais impressos ao longo da constituição da cidade.

As facilidades (ou não) para o acesso à leitura e como esse processo contribuiu (ou não) para os aspectos culturais do município. Porém, o trabalho de campo possibilitou o encontro com um número muito mais significativo de mulheres que vivenciam a prática de leitura do que de homens. Exceto os moradores que cursaram o nível superior, a maior parte dos homens que procurei, por indicação de outros moradores, não quis dar a entrevista e alegou não ser leitor.

Apesar de minha insistência e da explicação de que as recordações que tinham dos primeiros anos de vida em Dourados poderiam contribuir para a compreensão do lugar do livro nos projetos políticos para consolidação do município, não houve a permissão para a entrevista.

Em contrapartida, ao procurar por mulheres que tinham a prática da leitura, a maioria sem a Educação Básica completa, a recepção foi diferenciada. Nenhuma se negou a ser filmada e todas trouxeram, a partir de suas lembranças, imagens de um processo histórico em que às mulheres era negado o acesso à escola. A Prática de leitura entre essas mulheres se dá, assim, por um processo de resistência às condições impostas pelos pais e pelos maridos. Para estudar a História da Leitura, na concepção de Chartier e Cavallo é preciso:

(...). Partir assim da circulação dos objetos e da identidade das práticas, e não das classes ou dos grupos, leva a reconhecer a multiplicidade dos princípios de diferenciação que podem explicar as distâncias culturais: por exemplo, as propriedades de gênero ou de geração, as adesões religiosas, as comunidades solidárias, as tradições educativas ou corporativas, etc. (CHARTIER; CAVALLO, 2002, p. 8).

Nesse sentido, analiso as lembranças de leitura dessas mulheres que se intitulam “donas de casa” com o objetivo de identificar a circulação de materiais impressos no município e as diferentes formas com que elas se apropriaram desses materiais. Ao transcrever as entrevistas<sup>3</sup>, deparo-me com narrativas memorialísticas, realizadas por quem aceita visitar o seu passado, ressignificando a sua história, como afirma Viana:

Importância da experiência pessoal e a oportunidade de oferecê-la ao outro até o estabelecimento de uma relação pactual, num acordo tácito de um eu autorizado pelo próprio sujeito da enunciação e que toma para si sua vivência passada (VIANA, 1993, p. 16).

A narrativa memorialística que trago para o debate aponta para um processo de apropriação da leitura marcado pela superação das adversidades causadas por pais e maridos, como demonstram as recordações de uma das entrevistadas. Nascida em Pernambuco, em 21 de novembro de 1917, a “senhora Lucíola”<sup>4</sup> era filha de militar.

No início da entrevista, afirmou ter parado de estudar por opção. Depois de explicar que a mãe teve dezesseis filhos, seis mortos ao nascer, traçou a seguinte característica do pai: “meu pai muito era rigoroso, por causa do rigor dele, não foi só eu que parei de estudar. A gente no aguentava aquelas coisas que ele fazia com a gente. Você sabe que o militar é rigoroso por natureza, né? Concorda comigo?”.

O que seriam “aquelas coisas” que o pai fazia com os filhos? Solicitei à entrevistada que explicitasse as atitudes do pai e ela disse que preferia não contar. Meses depois, ao visitá-la após saber que estivera internada, ela me contou, sem que eu perguntasse, sobre seu pai. Sem descrever os detalhes narrados por ela, embora haja o seu consentimento para expô-lo, gostaria de frisar que o rigor do pai para que estudassem era tanto que ele costumava tomar a lição dos filhos em uma lousa no quintal, para cada erro havia uma punição física. Assim, apesar de ter sido uma excelente aluna no “primário”, preferiu largar os estudos a continuar com as “lições” paternas.

---

<sup>3</sup> Para o presente texto, analisaremos apenas o discurso de uma entrevistada.

<sup>4</sup> Passarei a chamar a entrevistada de senhora Lucíola.

O rigor do pai para com os filhos seria apenas uma das superações que a “senhora Lucíola” enfrentou enquanto em sua trajetória de leitora. Vale dizer que as lembranças de seu pai não foram acompanhadas por sentimentos de rancor. Pelo contrário, a filha olha para trás com a maturidade e sensibilidade de quem sabe considerar o lugar de enunciação dos gestos paterno. Com a filmadora desligada, ela me narra a morte do pai e desabafa: “eu ainda tenho muitas saudades dele”. Loiva Félix explicita que “memória é um dos suportes essenciais para o encontrar-se dos sujeitos coletivos, isto é, para a definição dos laços de identidade” (1998, p. 35). Com a mesma pertinência Ecléa Bosi define a função da memória:

Qual a função da memória? Não constrói o tempo, não o anula tampouco. Ao fazer cair a barreira que separa o presente do passado lança uma ponte entre o mundo dos vivos e o do além, ao qual retorna tudo o que deixou à luz do sol. Realiza uma evocação (BOSI, 1994, p. 59)

A leitora “senhora Lucíola” a evoca sem passado sem ressentimentos. Reencontra-se com os fatos que marcaram a sua trajetória de maneira sensível e emotiva. Ao tratar da infância e da escola, afirma que gostava muito de estudar, talvez por isso suas lembranças apontem para a pouca opção de material de leitura oferecido pela escola:

*Aprendi a ler quando estava no segundo ano primário. A professora era fã da pessoa que estudava. Geralmente, no fim da aula, a professora tirava o tempo para a leitura. Eu tomei gosto pela leitura. Dos livros que eu estudei, minha memória guarda o livro de Erasmo Braga, era essa a leitura que tínhamos na escola.*

Na juventude, tinha-se mais opção de livros, mas ainda existia a presença controladora do pai: “A juventude foi bem, mas sempre com o rigor de meu pai”. Quando trata desse período de sua vida, traz à tona, pela segunda vez, a presença materna: “Na juventude eu tinha uma carreira de livros que eu gostava de ler.

Minha mãe fiscalizava nossas leituras. Com uma de minhas irmãs ela achou uma leitura que para ela era desagradável”. Indaguei a ela o que era considerada uma leitura “desagradável” e obtive a seguinte resposta: “Leitura desagradável era uma leitura não digna de ler”.

A experiência vivenciada na metade do século XX é resultado de uma forma de viver que tinha sua fundamentação no processo histórico de formação social. Norbert Elias demonstra, no *Processo Civilizador*, que a transformação dos comportamentos da-se a partir da necessidade do indivíduo em se aproximar dos costumes da corte. Do cavaleiro da Idade Média, que expressava suas emoções de forma espontânea ao homem moderno, disposto a controlar e esconder seus desejos e sentimentos:

Parte das tensões e paixões que antes eram liberadas diretamente na luta de um homem com outro terá agora que ser elaborada no interior do ser humano. As limitações mais pacíficas a ele impostas por suas relações com outros homens espelham-se dentro dele; um padrão individualizado de hábitos semi-automáticos se estabeleceu e consolidou nele, um “superego” específico que se esforça por controlar ou suprimir-lhe as emoções de conformidade com a estrutura social (ELIAS, 1993, p. 203).

Demarcadas, quase sempre, pela voz masculina, as regras de convivência social, baseadas em pressupostos moral-religioso, dificultam, por um longo período, a aproximação entre o gênero feminino e o processo de leitura e de escrita. Amparados pelo ideal de proteger a “moral” feminina, padres, médicos, políticos discursaram sobre a importância de delimitar o acesso das mulheres à leitura. Silvana Fernandes Lopes (1997), oferece um exemplo desses discursos:

Na sessão de 29 de agosto, o Marquês de Caravellas apresenta uma emenda relativa à educação das meninas: “Salva a redação – quanto à Aritmética somente as quatro operações, e não ensinarão as noções de geometria prática”.

(...)

“Na sessão do dia 30 de agosto, entretanto, foi aprovada a emenda que propunha a simplificação do conteúdo do ensino das meninas, após um longo discurso do senador Visconde de Cayru a propósito da superioridade masculina, e da argumentação final do Marquês de Cravellas: “As meninas não tem desenvolvimento de raciocínio tão grande como os meninos” (Fonte: *Annaes do Senado Federal*, 1827, vol 2º, sessão de 29 de agosto de 1827 (pp. 261-272. *Annaes do Senado Federal*, 1827, *Annaes do Senado Federal*, 1827, vol 2º, sessão de 29 de agosto de 1827 (pp. 261-272) sessão de 30 de agosto de 1827 (pp. 261-272) (LOPES, 1997, p. 25).

A tranquilidade para vivenciar a prática da leitura e para ampliar as possibilidades de acesso ao livro deu-se, de acordo com as recordações da “Senhora Lucíola”, a partir do casamento:

*[...] nós nos conhecemos na igreja. Ele foi daqui para Curitiba, para estudar. Naquela semana ele foi ao culto e nos encontramos. Diz ele que quando me viu... Acho que deu certo- rrsrsrs. Casamos no dia 13 de agosto de 1948 e tivemos seis filhos.*

Depois de casada, saiu do Paraná para iniciar uma nova vida em Dourados: “Cheguei em Dourados em 1956”. Do município vai se recordar: “Aqui tinha muitos bailes e o cinema. (...). Na época, nunca percebi outras mulheres que gostassem de ler como eu”. Mas suas lembranças não trazem

aspectos da cidade, volta-se mais para sua vida privada: “Eu fiz um ótimo casamento. Nunca esperei na minha vida que encontrasse um marido tão bom como era o “Senhor A””. O “senhor A”, seu marido, formou-se em Letras na Universidade Federal do Paraná.

Pelo que a “Senhora Lucíola” indica, buscou compartilhar com a esposa sua paixão pelos livros, em especial, pelos literários: “Ele sempre estava me dando livros. Presenteava-me com muitos livros”. As obras adquiridas na infância e as presenteadas pelo marido ficam guardadas em uma prateleira, fechada com dois cadeados. Na prateleira se encontra uma diversidade de títulos, a coleção completa de José de Alencar: “Quando jovem eu sempre gostei de ler José de Alencar. Eu li todos os livros de José de Alencar”, das obras do autor ela destaca *Iracema* e complementa: “Iracema eu já li muitas vezes. Leitura **boa e agradável**<sup>5</sup>”.

Os livros escolares com os quais estudou também são guardados na prateleira. Em especialmente, destaca o de Erasmo Braga, do qual se lembra com maior apreço, talvez pela relação que estabeleça com a professora que se utilizava dessa obra ou quem sabe por terem sido os livros de leitura as únicas opções em sua época.

Além dos citados, a “Senhora Lucíola” enumera outros títulos: “Além do José de Alencar, li Victor Hugo, Alexandre Dumas, José Mauro de Vasconcelos, Setubal. A maioria dos meus livros são evangélicos, poesias e romances evangélicos”. Os últimos materiais citados correspondem à escolha religiosa da leitora.

As lembranças da “Senhora Lucíola” apontam para escolhas de leitura diversas. Além disso, demonstram que o incentivo a essa prática partiu da família, apesar do rigor e da fiscalização de seus pais.

A pouca opção de livros oferecidos pela escola, por sua vez, foi recompensado pelo afeto da professora, que despertava o interesse pelas leituras das histórias do livro didático de Erasmo Braga. O casamento com um professor formado em Letras e apaixonado pela leitura literária trouxe-lhe novas possibilidades de títulos e de estilo:

(...), se concordarmos implicitamente sobre o que deve ser a leitura. Aqueles que são considerados não-leitores lêem, mas lêem coisa diferente daquilo que o cânone escolar define como uma leitura legítima. O problema não é tanto o de considerar como não-leituras estas leituras selvagens que se ligam a objetos escritos de fraca legitimidade cultural, mas é o tentar apoiar-se sobre essas práticas incontroladas e disseminadas para conduzir esses leitores, pela escola, mas também sem dúvida por múltiplas outras vias, a encontrar outras leituras (CHARTIER, 1999, p. 103-104).

---

<sup>5</sup> Grifo meu.

Sem dúvida, as recordações de leitura apontam para escolhas advindas de diferentes esferas: pais, escolas e marido. Da experiência de leitura, procura conceituar essa prática: “A leitura para mim é descanso, ela abre a mente. Muitas vezes a compreensão desaparece da gente e na leitura a gente encontra o porquê de muitas coisas”.

De acordo com sua definição, a leitura oferece explicações para os fatos, possibilita ver a vida de forma mais flexível. Além disso, a leitura também oferece o descanso, ou seja, é realizada por ela como lazer. O que seria “abrir a mente” para essa entrevistada? Para Celie, citada no início deste artigo, a leitura das cartas da irmã possibilitou rever seu passado e vislumbrar um futuro sem as marcas da submissão ao sexo masculino. “Abrir a mente” talvez represente esclarecer dúvidas, adquirir conhecimentos, ressignificar a si e ao outro. Hoje, com mais de noventa anos, o físico já não lhe permite ler na quantidade de antes: “Não posso mais ler muito porque não enxergo mais letras pequenas. Preciso usar lupa”.

Diante da limitação física, ela seleciona as leituras que mais lhe marcaram: “O que eu mais tenho lido é a Bíblia e José de Alencar”. A Bíblia marca a sua trajetória religiosa, o pai, além de militar, também era pastor evangélico; já José de Alencar, durante a entrevista, foi citado como o autor que mais marcou a sua juventude. Peço que ela me conte uma das histórias que mais gostou de ler e ela me narra a vida de Ester, do livro de Ester, antigo testamento da Bíblia.

Muitos podem questionar a definição dada por ela de que a leitura “abre a mente” com a seleção que a “Senhora Lucíola” faz das leituras que mais lhe marcaram e como afirma ser a Bíblia, hoje, o livro mais lido por ela. A Bíblia, escrita por homens, em muitos momentos subjuga as mulheres. Todavia, a narrativa memorialística dessa leitora está transpassada por sua trajetória de vida.

Ao definir Identidades Culturais, Stuart Hall lembra que elas são “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (HALL, 200, p. 8). O pai era pastor evangélico, o marido era/é evangélico e ela sempre comungou dessa fé. Assim, nada mais natural que na velhice, apesar das opções de leitura que tem em sua casa, opte por dedicar o tempo à leitura da Bíblia.

A forma como a “Senhora Lucíola” descreve sua trajetória de leitura e as obras citadas como as que marcaram a sua infância e a sua juventude contribui para a compreensão de uma História da Leitura que deseja perceber não apenas as maneiras de ler, mas que também se interessa pelo processo de escolhas. O que justifica uma escolha em detrimento da outra?:

(...). Uma história da leitura não deve limitar-se apenas à genealogia da maneira contemporânea de ler em silêncio e com os olhos. Ela tem também, e talvez sobretudo, como tarefa reencontrar os gestos esquecidos, os hábitos que desapareceram. O desafio é muito importante, pois revela não só a distante estranheza de práticas que eram comuns antigamente mas também o estatuto, primeiro e específico, de textos que foram compostos para leituras que não são mais as de hoje (CHARTIER; CAVALLO, 2002, p. 08).

Ao narrar sua trajetória de leitura, a “Senhora Luciola” expõe também um processo de limitação ao texto. A leitura vigiada, a escassez de materiais impressos na escola, o rigor do pai ao cobrar os estudos dos filhos. A narrativa memorialística da “Senhora Luciola” compõe, portanto, uma história coletiva. A História da Leitura, como explicitado aqui, também acompanha essas marcas de vigilância e de acesso aos livros.

## ÚLTIMAS PALAVRAS

Quando se chega a um lugar novo, onde se passará a ganhar o “pão nosso de cada dia”, surge a quase necessidade de conhecer o novo território. Intencionei conhecer Dourados a partir de sua História da Leitura. Ouvir a trajetória dos pioneiros e de seus descendentes a partir das lembranças do tempo escolar, dos causos ouvidos na infância e das lembranças das leituras que marcaram a trajetória dessas pessoas que contribuíram, de diferentes formas, para a consolidação do Município de Dourados, tem sido uma aprendizagem enriquecedora. Ao refletir sobre a trajetória de leitura desses moradores, empreendo uma das muitas possibilidades de abordagem da pesquisa voltada para a História da Leitura:

[...] a história da leitura encontrou um poderoso auxílio na história da alfabetização e da escolarização, a das normas e das competências culturais e da difusão e dos usos do impresso. Ela apareceu como o prolongamento possível, necessário, dos estudos clássicos que desenharam, para diferentes locais europeus, a conjuntura da produção editorial, a sociologia dos possuidores de livros, a clientela dos livreiros, dos gabinetes literários e das sociedades de leitura (CHARTIER; CAVALLO, 2002, p. 36).

Ao narrar suas histórias e as leituras que marcaram as diversas fases de suas vidas, as leitoras deixam transparecer o quanto foi preciso resistir às imposições dos pais e dos maridos para desfrutarem da prática da leitura.

Como tenho divulgado em outros artigos, é comum ouvir mulheres descrevendo histórias de leituras marcadas pela opressão: a necessidade de esconder os folhetins das revistas e dos jornais dentro da Bíblia para não serem importunadas; senhoras que além de ler se deram ao direito de escrever textos literários e que tiveram sua produção queimada pelo marido, mulheres subjugadas pelos pais e pelos companheiros, retiradas da escola ou

proibidas de ler. Professoras que resistiram às palavras pessimistas de pais que acreditavam que “estudar era coisa de homem”. Trajetórias que demonstram que a pesquisa acerca da História da Leitura, quando se trata do gênero feminino, exige mais do que explicitar o rol de obras lidas, requer observar as entrelinhas dos discursos, perceber a resistência e o rompimento ao discurso que historicamente subjogou o espaço das mulheres.

A trajetória de leitura da “Senhora Lucíola” é, nesse sentido, exemplar. Mesmo sem completar o ensino básico, dialogou com os clássicos: Victor Hugo, Alexandre Dumas, José de Alencar, Machado de Assis, Dante Alighieri, etc. Superou a fiscalização materna e o rigor paterno. Apropriou-se dos poucos livros que a escola oferecia e deles ainda se recorda com afeto. Aos noventa e três anos, a “Senhora Lucíola”, enquanto narra a sua trajetória, aponta um lugar diferenciado nos espaços ocupados por ela. Foi/é filha, mãe, esposa e **leitora**, com todas as implicações que a prática sugere.

## REFERÊNCIAS

ABREU, M. (org.). *Leitura, história e história da leitura*. (Coleção Histórias de Leitura). Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

BOSI, E. *Memória e sociedade - lembranças de velhos*. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

CHARTIER, R.; CAVALLO, G. *História da Leitura no Mundo Ocidental I*. São Paulo: Ática, 2002.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

ELIAS, N. *A sociedade de corte*. Lisboa: Editora Estampa, 1991.

ELIAS, N. *A sociedade dos indivíduos*. Trad. de Vera Ribeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ELIAS, N. *O Processo civilizador: formação do estado e civilização*. vol.2. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993b.

ELIAS, N. *O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes*. vol.1. Rio De Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993a.

ELIAS, N; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FÉLIX, L. O. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 6. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LACERDA, L. de. *Album de leitura: memórias de vida, histórias de leitores*. Prefácio de Roger Chartier. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

LOPES, S. F. *A formação feminina na sociedade brasileira do século XIX: um exame de “modelos” veiculados pela literatura de ficção*. Campinas: São Paulo, 1997.

MATTELART, A. & NEVEU, É. *Introdução aos estudos culturais*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

VIANA, M. J. M. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*. Belo Horizonte: editora UFMG, 1993.

WALKER, A. *A cor púrpura*. 7ª. Ed. Trad.: Betúlia Machado e Maria José Silveira. São Paulo: Editora Marco Zero,

WOOLF, V. *Um teto todo seu*. São Paulo: Círculo do livro, S/D.